

Um ensaio sobre o tema da fecundidade diferencial: famílias estáveis e famílias (i)migrantes*

Alain Bideau**
Sergio Odilon Nadalin***

Creemos que a hipótese de as migrações interferirem no comportamento demográfico aqui ficou reforçada concretamente, o que significa que não é possível simplesmente extrapolar para o conjunto de toda a sociedade o comportamento demográfico das famílias mais estáveis.

Introdução

Ao elaborar um balanço crítico da Demografia Histórica, cujos resultados foram publicados em 1984, Jacques Dupâquier, além de historiar os progressos e virtualidades da disciplina, fez uma revisão das principais críticas à sua metodologia de base, a reconstituição de famílias. Em primeiro lugar, o autor referiu-se ao rendimento do enorme trabalho exigido para essa reconstituição e ao significado dos resultados – principalmente no que concerne ao problema dos efetivos (Dupâquier, 1984:94-99). Em seguida, deteve-se na análise das principais questões ligadas às limitações do campo de observação do historiador demógrafo. Devido a restrições impostas pelas

fontes, as limitações cronológicas têm sido recorrentes. Relacionadas ao modelo monográfico geralmente utilizado, arrolam-se as limitações de ordem geográfica e sua principal conseqüência para os estudos de demografia retrospectiva: uma vez que é necessário eleger uma certa categoria de casais para o estudo da fecundidade, cuja característica fundamental é a sua estabilidade, as migrações são abstraídas.

Ouçamos o que ele diz, numa tradução relativamente livre:

“Os processos migratórios introduzem uma seleção no estoque das famílias reconstituídas. Por definição, todos os casais nascidos, casados e falecidos num determinado lugar dão lugar ao estabe-

* Trabalho realizado no âmbito do projeto Demografia Histórica, CNPq/UFP/Departamento de História – CNRS/Université Lyon 2/Centre Pierre Léon. Os autores agradecem as sugestões e críticas de Alfred Perrenoud. Uma versão preliminar do artigo foi comunicada no Congresso sobre o Povoamento das Américas, Veracruz, México (Bideau e Nadalin, 1992).

** Diretor de pesquisas no CNRS, Centre Pierre Léon, Université Lyon 2.

*** Professor do Departamento de História da Universidade Federal do Paraná (UFP) e bolsista do CNPq.

lecimento de uma ficha do tipo *MF1* (quando são conhecidas as datas do nascimento da mulher, do casamento e do fim da observação).

Em todos os casos em que a mulher não nasceu na aldeia, mas a união foi celebrada e dissolvida na paróquia, teremos uma ficha do tipo *MF2* (é conhecida a data do casamento e do fim da observação, mas a idade da mulher só é conhecida aproximadamente) ou do tipo *MF3* (a idade da mulher é desconhecida) (1). Com muita frequência, quando a mulher não é originária da paróquia, o casamento foi realizado em outra aldeia, e a ficha constituída é denominada *EF* (2) (a existência da união só é conhecida a partir do nascimento das crianças, sem se ter realmente certeza de que o primeiro filho nascido na aldeia é o primogênito).

Enfim, quando não é possível determinar um fim de observação líquido e certo, a ficha é denominada de tipo *O* (3) e dela não é possível tirar grande coisa no estudo da fecundidade, mesmo que seja do tipo *MO* ou, melhor ainda, *MO1*.

Assim, *a classificação das fichas no sistema Henry está ligada prioritariamente à mobilidade da população. Ora, tudo parece anunciar que os parâmetros demográficos diferem sensivelmente segundo o tipo de fichas, o que nos conduz ao problema da representatividade.*" (Dupâquier, 1984: 104-105; grifos meus).

Na impossibilidade do aproveitamento das famílias migrantes, e no afã de

se reconstituir os parâmetros demográficos do passado, as investigações que têm sido realizadas a partir desses procedimentos estão fundamentadas na suposição de que *o comportamento das famílias mais estáveis é representativo da maioria.*

São muitos os argumentos que podem contrariar esta hipótese. Assim, por exemplo, a fecundidade das famílias migrantes - que constituiriam, em algumas sociedades, parcela importante da população - deve ser diretamente influenciada por vários efeitos relacionados à idade do casamento, ao espaçamento entre os nascimentos e à idade da mulher na sua última parturição. A questão é que a característica mobilidade destas famílias não só torna difícil recuperar suas histórias demográficas, como já foi mencionado; torna mesmo problemática a eventual utilização de dados obtidos a partir de uma tentativa de sua reconstituição (4). Tal fato dificulta a argumentação empírica em favor de todas essas ponderações.

Entretanto, Dupâquier (1984:106-107) menciona, exemplificando, que existem diversas formas de testar a representatividade das famílias reconstituídas, conhecendo as características demográficas das famílias "não-reconstituíveis". Desta maneira, poder-se-ia determinar o erro cometido ao serem atribuídos a toda uma população os resultados obtidos a partir da fração reconstituída de famílias.

(1) As fichas "M" são aquelas cujo início de observação é marcado pela data do casamento (M de "marriage"). Quando é permitido seguir o ciclo matrimonial até um mesmo momento final da observação, independente dos registros dos filhos, tem-se uma ficha "F" (F de "fermé", fechado). A distinção feita por Dupâquier das fichas 1 e 2 fundamenta-se em características dos registros paroquiais franceses, pois é possível supor a possibilidade de se recuperar a data exata do nascimento dos cônjuges a partir de menções nos registros de casamento ou de óbito, ou mesmo, de outro documento. Assim sendo, de maneira generalizada, a distinção destas categorias de fichas é feita preferencialmente da seguinte forma: M1 e E1 são fichas definidas pela existência do registro da data exata do nascimento da mulher; as fichas M2 e E2, por outro lado, definem-se pelo conhecimento aproximado da data de nascimento da mulher, calculada a partir da idade mencionada nos registros de casamento e/ou de óbito. As fichas 3 são caracterizadas sempre pelo desconhecimento da idade da mulher.

(2) "E" de "exterieur" (exterior).

(3) "O" de "ouverte" (aberta).

(4) Algumas possibilidades nesse sentido foram exploradas por Bideau (1980).

O trabalho que estamos apresentando tem como referência básica a possibilidade de uma avaliação no sentido apontado - embora não mencionado - pelo autor no seu livro. Concerne à interposição, entre os dois tipos de famílias - "estáveis" e "instáveis" -, de uma terceira categoria de casais. Estamos nos referindo àquelas famílias que, *imigrando, estabeleceram-se* numa determinada região, após um período de relativa mobilidade. A partir de então, tornar-se-iam sedentárias, como as famílias *M* antes mencionadas. Nessa condição, estas famílias - incluídas entre as denominadas *E* - podem constituir objeto de estudo da fecundidade, da mesma forma que as famílias que iniciaram seus ciclos matrimoniais a partir do casamento na mesma paróquia.

Teriam estes casais E uma importância demográfica diferenciada? Esta foi a ampla interrogação colocada implicitamente por Louis Henry (1977:102). Uma resposta a esta pergunta permitiria também definir de maneira mais precisa as questões relacionadas a uma fecundidade diferencial entre as famílias sedentárias e as famílias migrantes.

Sucedee, entretanto, que a problemática relativa à categoria intermediária antes referida (*EF*) foi definida em função de uma realidade característica do "Ancien Régime" francês. Em outros termos, estas famílias, nas sociedades tradicionais européias, eram constituídas por casais cuja migração anterior ao estabelecimento numa aldeia estava em geral ou muitas vezes circunscrita ao espaço das paróquias vizinhas. Grifando o que já ti-

nha sido mencionado por Dupâquier, o registro de casamento de muitos desses casais não foi recuperado (daí sua condição *EF*) pelo simples fato de a cerimônia de casamento ter sido realizada na igreja da paróquia contígua, da noiva - ou do noivo -, estabelecendo-se o par na aldeia do marido - ou da esposa.

Deste modo, todo raciocínio desenvolvido para o caso da sociedade tradicional européia deve ser reexaminado quando da análise dos mencionados problemas no quadro dos chamados "países novos". Estes países, muitas vezes de dimensões continentais, tinham seus núcleos de povoamento mormente isolados e distantes entre si. Portanto, praticamente não há termo de comparação entre a demarcação geográfica destas paróquias, invariavelmente imensas no passado, e aquela das paróquias concernentes às aldeias e pequenas cidades da Europa. Em consequência, é possível afirmar *a priori* que, no Brasil pretérito, as famílias da categoria *EF* eram menos sedentárias do que as equivalentes européias, no cenário das sociedades tradicionais e, mesmo, das populações em processo de modernização (5).

Tendo esta hipótese em evidência, pretendemos neste artigo apresentar resultados comparativos entre comportamentos demográficos de famílias *M* e *E*, alicerçados no estudo de uma população de características muito especiais. Os dados de base foram obtidos por meio da reconstituição de famílias numa paróquia luterana constituída de imigrantes estrangeiros e seus descendentes em Curitiba

(5) Há ainda um item concernente às famílias *EF* no passado colonial brasileiro que, embora delicado, não pode ser tratado neste artigo. Várias testemunhas, e muitos historiadores, ajudam-nos a reconstruir o quadro de uma parcela da população mais pobre que não tinha condições de atender às exigências da Igreja (e da moralidade institucional) no que se refere ao casamento. Em outras palavras, uma fecundidade "ilegítima", fruto de uniões consensuais, pode ser um componente considerável do comportamento demográfico da sociedade tradicional brasileira. Ocorre, e isto é importante, que nem sempre é possível detectar esta categoria de casais, em face do padrão dos registros de batismo e de sepultamento que era adotado por alguns vigários. Em consequência, dependendo da região ou da paróquia, entre as famílias da categoria *EF* devem estar incluídas famílias "ilegítimas" (Nadaín, 1994:28-30).

- cuja originalidade traduz-se, portanto, numa identidade étnica diferenciada -, principalmente no período entre 1866 e 1939.

Famílias estáveis e famílias migrantes: elementos para o estudo de uma fecundidade diferencial

Para o presente estudo, respondendo aos objetivos anteriormente traçados, utilizamos 407 fichas de família relativas à categoria *EF*, e 684 fichas *MF*, concernentes a casais com pelo menos cinco anos de observação, de um total de 1.739 fichas *E* e 1.754 fichas *M*.

Objetivando a análise das mudanças comportamentais no interior do grupo, realizamos três cortes temporais, agregando coortes com início de observação em (I) 1866-1894, (II) 1895-1919 e (III) 1920-1939. Estas datas periodizam, aproximadamente, as três primeiras fases da história da comunidade (Nadalin, 1984).

Trata-se, evidentemente, de famílias sobre as quais conhecemos a idade exata ou não - da mulher (6), bem como a data do começo e do fim da observação. Como início das histórias demográficas das famílias *E* em Curitiba foi considerado a data do nascimento do primeiro filho nascido na paróquia; isto significa que, para a utilização desta categoria de famílias, só podem ser levadas em conta as famílias fecundas. Por conseguinte, para podermos comparar uma categoria com outra foi necessário tratar as famílias *M* como se fossem do subgrupo *E*, ignorando-se a data de casamento e proce-

dendo de igual modo em relação ao primeiro filho nascido na comunidade. Em consequência, entre as 684 famílias *M* examinadas, doravante nomeadas *MeF*, não encontraremos nenhum casal sem filhos (7).

A Tabela 1 ilustra a primeira questão que temos de enfrentar para melhor entender estas duas categorias de famílias; refere-se à possibilidade de outras distinções, além daquelas já estabelecidas.

No que se relaciona à origem, é na primeira coorte (1866-1894) que encontramos as maiores semelhanças entre os dois tipos de casais. A grande maioria era constituída de imigrantes, mas o caráter mais estável das *MF* é evidenciado por um número maior de jovens nascidos na sede da paróquia e, mesmo, em Santa Catarina. Também era de se esperar que a maioria dos casais da segunda e terceira gerações das famílias luteranas mais sedentárias fosse nascida na própria paróquia; os dados o comprovam.

No que concerne às famílias *EF* do subgrupo II, com início de observação entre 1895 e 1919, igualmente verifica-se uma forte presença de homens e mulheres nascidos na paróquia. É, finalmente, na terceira geração, concernente às famílias que têm suas histórias demográficas inauguradas na comunidade entre 1920 e 1939, que a distinção *MF/EF* é mais significativa, tendo em vista o predomínio de imigrantes entre elas.

Em outros termos, a história das famílias da categoria *MF* na comunidade fundada pelos alemães luteranos em Curitiba apresenta um padrão consistente com as suas características mais seden-

(6) Correspondendo às fichas respectivamente denominadas *MF1*, *EF1*, *MF2* e *EF2* (cf. nota 1).

(7) Em dois outros trabalhos (Bideau e Nadalin, 1988 e 1990), já havíamos explorado as famílias *MF* para o estudo da fecundidade, o que significou listar cada família em linhas de folhas de cálculo especiais, contendo em cada linha os "anos-mulher" e os nascimentos correspondentes, agregadas em função da idade da mulher ao casar (Henry, 1970:82-83 e 1977:88-94). Para o estudo evidenciado neste artigo, tivemos de refazer todos os cálculos relativos às fichas *MF*, ignorando a data de casamento.

Tabela 1
Comunidade evangélica luterana de Curitiba
Famílias MF e EF. Origem dos cônjuges - 1866-1939

a) Homens						
Origem	Categoria de Famílias					
	1866-1894		1895-1919		1920-1939	
	EF	MF	EF	MF	EF	MF
Estrangeiros	90 (78,9)	201 (73,4)	74 (37,4)	89 (27,6)	67 (45,2)	102 (30,3)
Santa Catarina	2 (1,8)	36 (13,1)	19 (9,6)	38 (11,8)	12 (8,1)	21 (6,2)
Curitiba	4 (3,5)	30 (10,9)	72 (36,4)	184 (57,2)	26 (17,6)	199 (59,0)
Outras	-	7 (2,6)	5 (2,5)	10 (3,1)	1 (0,7)	15 (4,5)
Indeterminada	18 (15,8)	-	28 (14,1)	1 (0,3)	42 (28,4)	-
Total*	114 (100,0)	274 (100,0)	198 (100,0)	322 (100,0)	148 (100,0)	337 (100,0)

b) Mulheres						
Origem	Categoria de Famílias					
	1866-1894		1895-1919		1920-1939	
	EF	MF	EF	MF	EF	MF
Estrangeiros	90 (78,9)	140 (51,1)	61 (30,8)	43 (13,4)	54 (36,6)	48 (14,2)
Santa Catarina	2 (1,8)	64 (23,3)	27 (13,6)	21 (6,5)	16 (10,8)	28 (8,3)
Curitiba	9 (7,9)	66 (24,1)	87 (44,0)	246 (76,4)	40 (27,0)	246 (73,0)
Outras	-	4 (1,5)	6 (3,0)	12 (3,7)	7 (4,7)	12 (3,6)
Indeterminada	13 (11,4)	-	17 (8,6)	-	31 (20,9)	3 (0,9)
Total*	114 (100,0)	274 (100,0)	198 (100,0)	322 (100,0)	148 (100,0)	337 (100,0)

* Incluídas as fichas MF3 e EF3, em que a idade da mãe é desconhecida.

tárias - ou seja, predomínio estrangeiro no primeiro subgrupo, e curitibano nos dois subseqüentes. Entretanto, as famílias do grupo EF apresentam indicadores diferentes, e aparentemente contraditórios, pois em princípio era de se esperar que o predomínio dos não-curitibanos nesta categoria fosse muito mais importante, inclusive porque o domínio da paróquia alcançava toda Curitiba e, mesmo, colônias vizinhas habitadas por imigrantes e descendentes.

Com efeito, é como se a mobilidade do primeiro subgrupo resultasse da imigração transoceânica e a mobilidade indicada para o período 1895-1919 resultasse simplesmente dos contatos regionais do mercado matrimonial. Estes dados constituem também indicação de matri-

mônios interconfessionais, pois foi observada a presença entre os casais MF de homens e mulheres nascidos em Curitiba mas cuja família não pertencia à comunidade. Da mesma forma, muitas fichas EF registram homens ou mulheres que foram batizados na paróquia, casaram-se em outro lugar e voltaram a viver no seio do grupo evangélico organizado em Curitiba. São indicações, igualmente, de que a solidariedade étnica ultrapassava eventuais diferenças religiosas.

Finalmente, a origem do subgrupo constituído de famílias EF no período 1920-1939 aponta novamente para um comportamento migratório de longa distância, o que é confirmado pelos dados que temos da imigração alemã no período. De fato, nesta fase de entre-guerras

Tabela 2
Distribuição das mães em função da idade no início da observação
Famílias EF e MeF - 1866-1939

Idade	1866-1894		1895-1919		1920-1939	
	EF	MeF	EF	MeF	EF	MeF
15-19	9 (9,4)	61 (27,4)	32 (17,7)	72 (25,7)	14 (11,7)	29 (16,0)
20-24	16 (16,7)	127 (57,0)	79 (43,6)	144 (51,4)	48 (40,1)	104 (57,5)
25-29	28 (29,1)	22 (9,9)	31 (17,1)	43 (15,4)	30 (25,0)	25 (13,8)
30-34	22 (22,9)	11 (4,9)	19 (10,5)	16 (5,7)	22 (18,3)	15 (8,3)
35-39	12 (12,5)	1 (0,4)	12 (6,6)	4 (1,4)	1 (0,8)	8 (4,4)
40-44	9 (9,4)	1 (0,4)	5 (2,8)	1 (0,4)	4 (3,3)	-
45-49	-	-	3 (1,7)	-	1 (0,8)	-
Total	96 (100,0)	223 (100,0)	181 (100,0)	280 (100,0)	130 (100,0)	181 (100,0)
Média	29,5 anos	22,3 anos	25,5 anos	22,8 anos	26,9 anos	23,9 anos

atinge-se o ápice da curva desta imigração no Brasil, e a correlação é evidente (Nadalin, 1981a:22-23 e 32).

Enfim, pode-se notar, de uma maneira geral, que as disparidades que se observam segundo o sexo colocam em evidência, nas duas categorias de família, uma imigração masculina superior à imigração feminina - fazendo-se abstração da imigração de famílias.

A Tabela 2 arranja outros indicadores diferenciais, fornecidos pela distribuição das mulheres em função da idade no momento em que inauguraram ou reiniciaram suas vidas matrimoniais na comunidade. A distribuição representada consagra o fato de que muitas das mulheres EF já haviam iniciado em outro lugar e em outro momento suas vidas fecundas, pois esta categoria de família é claramente influenciada pelo número de mulheres mais velhas no início da observação. Ou seja, a análise da distribuição da idade das mulheres no momento em que entraram em observação na comunidade deve levar em conta o fato de que, num caso, trata-se de nascidos promogênitos (famílias MeF) e, em outro, de uma ordem de nascimento ao que tudo indica mais elevada. Tal constatação impede-nos, portanto, de considerar, de um ponto de vista estritamente demográfico, a idade da en-

trada em observação como fator de diferenciação de fecundidade.

Em conseqüência, tais fatos refletem-se nas médias, todas mais altas para as mulheres da categoria EF do que para as noivas MF; aquelas, na faixa dos 25 aos 29 anos e estas, traduzindo uma idade média muito próxima do casamento, concentradas entre os 20 e 24 anos de idade.

Os dados da Tabela 2 permitem ainda salientar que a diferença de idade das esposas EF e MeF é de 7,2, 2,7 e 3 anos, respectivamente, para as coortes I, II e III. Todavia, uma complexificação das análises, impossível no momento, teria de levar em conta o fato de que, via de regra, as idades médias ao casar na Europa eram significativamente mais altas do que no Brasil imigrante; em segundo lugar, não deve ser desconsiderado que a diferença entre as duas categorias diminui, talvez, em parte, pelo próprio retardamento da idade do casamento entre os alemães e descendentes em Curitiba de uma coorte à outra.

De qualquer forma, parece-nos evidente que os casais EF iniciaram seus ciclos matrimoniais num outro lugar, muitas deles já premiados com algumas crianças antes de emigrarem. Assim, toda a distribuição é influenciada pelo nú-

Tabela 3

Taxas corrigidas de fecundidade legítima* por grupos de idade, Independentemente da idade da mulher no início da observação
Famílias EF e MeF – 1866-1939

Períodos	Categorias de Fichas de Famílias	Idade Observada da Mulher						
		15-19	20-24	25-29	30-34	35-39	40-44	45-49
1866-1894	EF	343	327	393	346	280	168	24
	MeF	309	403	367	344	256	117	13
1895-1919	EF	222	294	310	204	141	80	14
	MeF	191	336	289	186	119	51	10
1920-1939	EF	182	224	192	148	86	37	0
	MeF	338	196	208	121	93	65	0

* Considera-se, em princípio, que todos os casais EF são legalmente casados.

mero elevado de mulheres EF mais velhas no início da observação, ao passo que as mulheres MF não tiveram o ciclo reprodutor perturbado por este componente migratório. De forma que o cerne do problema reside justamente nesta questão, isto é: se o fato de os casais EF terem iniciado suas vidas conjugais antes de emigrar ou de imigrar interferiu no comportamento fecundo apresentado a partir de sua instalação definitiva no seio da comunidade em Curitiba.

As análises da fecundidade legítima que serão realizadas a seguir consideram os números corrigidos, resultantes de uma avaliação de nascimentos que se perderam para os registros de batismos. De um período a outro (1866-1895-1920-1939) são detectadas mudanças nos três subgrupos de famílias, tanto para uma como para a outra categoria: os casais passaram de comportamentos difusamente "pré-malthusianos" para atitudes malthusianas, caracterizadas por uma diminuição bastante sensível da fecundidade (Bideau e Nadalin, 1988:1.045).

Se comparamos - para as famílias EF e MeF - as taxas de fecundidade calculadas independentemente da idade da mulher no início da observação (Tabela 3), colocam-se em evidência diferenças pouco sensíveis, principalmente em relação à primeira coorte. Na mesma tabela,

por outro lado, se consideramos as idades das mães a partir dos 25 anos, observamos que as famílias EF apresentam taxas pouco mais elevadas, principalmente nas famílias do subgrupo 1895-1919. Entretanto, levando-se em conta a importante diferença de idade das mães no início da observação, para o período 1866-1894, entre as famílias das duas categorias (7,2 anos) (ver Tabela 2), a fecundidade das famílias EF deveria ser mais fraca, sobretudo no primeiro período, e muito menos no segundo. A análise deve considerar o fato de que, além de diferenças pouco importantes, os efetivos não são suficientes para conclusões mais definitivas. Quanto à terceira coorte, as diferenças parecem aleatórias.

Sublinhemos, aqui, que os estudos clássicos de Demografia Histórica mostraram que a fecundidade a uma determinada idade dependia do número de filhos já nascidos; nesse sentido, deveríamos encontrar uma fecundidade menor nos casais EF, parte dos quais deveria ter sido marcada por nascimentos anteriores. Ora, não é isto o que observamos, sobretudo no segundo período, entre 1895 e 1919 - e perguntamo-nos até que ponto tal fato ajudaria a sustentar a hipótese de uma especificidade da segunda coorte. Neste subgrupo de casais, a soma das taxas no grupo de idade 25-29

Tabela 4

Taxas de fecundidade legítima corrigidas por grupos de idade em função da idade da mulher no início da observação – 1866-1939

Idade da Mulher no Início da Observação	Número de Fichas de Família	Categoria de Fichas de Família	Idade Observada da Mulher						
			15-19	20-24	25-29	30-34	35-39	40-44	45-49
1866-1894									
15-19	9	EF	343	377	333	234	98	33	0
	61	MeF	309	408	381	312	203	82	5
20-24	16	EF		240	471	399	247	180	24
	127	MeF		399	359	342	282	130	16
25-29	28	EF			305	356	317	143	19
	22	MeF			400	435	213	95	0
30 e +	43	EF				320	301	207	29
	13	MeF				(316)	(333)	(200)	(36)
1895-1919									
15-19	32	EF	222	318	235	105	78	28	25
	72	MeF	191	359	261	127	69	25	11
20-24	79	EF		274	332	187	124	88	9
	144	MeF		315	311	182	111	47	0
25-29	31	EF			343	328	132	59	0
	43	MeF			254	283	135	74	14
30 e +	39	EF				234	218	93	17
	21	MeF				204	299	98	40
1920-1939									
15-19	14	EF	182	257	123	114	0	-	-
	29	MeF	338	264	221	50	0	-	-
20-24	48	EF		204	220	106	47	0	-
	104	MeF		168	213	84	64	(95)	-
25-29	30	EF			174	187	47	37	-
	25	MeF			149	201	90	0	-
30 e +	39	EF				200	154	44	0
	23	MeF				234	145	81	0

anos é superior entre os EF (862 contra 760), mas inferior no grupo de idade das mulheres com 30 anos e mais (respectivamente, 562 e 641). Além disso, esta soma é bastante vizinha (1.014 e 966) no grupo 20-24 anos. Enfim, no último período, 1920-1939, nenhuma diferença fez-se notar entre as duas categorias de famílias (ver Tabela 4).

Novamente para o período 1895-1919, a Tabela 5, mostrando as descendências finais comparadas para as famílias EF e MeF, confirma as tendências

obtidas a partir da análise das taxas de fecundidade.

Naturalmente, as diferenças são pequenas e pouco significativas. Porém, o fato de que a tendência indica sempre o sentido de uma descendência maior para as famílias EF – por exemplo, 4,35 crianças na idade de 20-24 anos no início da observação, contra 4,08, e 3,46 filhos na faixa de 25-29 anos, contra 3,36 para as famílias MeF entre 1895 e 1919 – deve ser tomado em consideração. Realmente, é necessário não esquecer que, para

Tabela 5
Descendências em Idades Diversas, considerando a Idade da mulher no Início da observação
Famílias EF e MeF - 1866-1919

Idade da Mulher no Início da Observação	Famílias	Idade Observada da Mulher						
		20	25	30	35	40	45	50
1866-1894								
20-24	EF	-	0,375	2,730	4,725	5,960	6,860	6,980
	MeF	-	1,204	2,999	4,709	6,119	6,769	6,849
25-29	EF			0,478	2,258	3,843	4,987	5,082
	MeF			0,478	3,393	4,458	4,933	4,933
1895-1919								
15-19	EF	0,315	1,965	3,140	3,665	4,055	4,195	4,320
	MeF	0,234	2,029	3,334	3,969	4,314	4,439	4,494
20-24	EF		0,654	2,314	3,249	3,869	4,319	4,353
	MeF		0,828	2,383	3,293	3,848	4,083	4,083
25-29	EF			0,868	2,508	3,168	3,463	3,463
	MeF			0,835	2,250	2,925	3,295	3,365

as famílias *EF*, não raciocinamos em termos de descendência final. Faltam, para uma parte não negligenciável delas, todas as crianças que estas mulheres tiveram antes ou por ocasião de suas etapas migratórias sucessivas. Pois parece que as concepções anteriores das mulheres pertencentes ao grupo de famílias migrantes, ditas *EF*, não incidiram sobre o número de filhos colocados no mundo a partir do momento em que entraram em observação em Curitiba. O fato de que sua fecundidade seja semelhante ou mesmo ligeiramente mais elevada em certas idades, comparada à das mulheres pertencentes ao subgrupo *MeF*, corresponde, portanto, a uma possível fecundidade diferencial entre os dois grupos de famílias, tema central da problemática colocada neste artigo.

Aliás, observamos a mesma tendência para as mulheres *EF* da primeira geração (1866-1894), com uma descendência totalmente idêntica àquela das mulheres *MeF*. Neste sentido, a história de uma família pioneira é exemplar.

Engelhardt Heinrich Christian Henning imigrou só; seu irmão Theodor Wi-

lhelm o seguiu alguns anos mais tarde. Carpinteiro com alguma instrução, era natural de Ploen, no Holstein. Conheceu Ana Maria Dorothea Magdalena Koll, que viria a ser sua mulher, na Colônia Dona Francisca (Joinville), onde havia se estabelecido desde que chegara ao Brasil, em 1859. Com ela se casou em 1º de abril de 1861.

Na colônia, o casal teve dois filhos e, por volta de 1872, a família subiu a serra em direção ao Oeste, para São Bento do Sul, núcleo que então se fundava. Logo (1874) partiram novamente, um pouco mais para o interior, na direção de Rio Negro (fronteira entre o Paraná e Santa Catarina). Aí o casal teve mais dois filhos. Finalmente, o que deve ter ocorrido por volta de 1879, ocasião em que se iniciava a construção da catedral, a família estabeleceu-se em Curitiba, onde Engelhardt trabalhou como mestre-de-obras e onde o casal teve mais quatro filhos.

Um pouco antes da inauguração da catedral, o casal e seus filhos mudaram-se novamente, para um sítio em Cerro Azul e não muito longe da capital. Partidário dos "federalistas", Engelhardt foi

sequestrado e assassinado na época da revolução, em 1894. Ana Maria só viria a falecer em 1926, com 83 anos de idade.

Conclusão

A tese segundo a qual as famílias "instáveis" de uma população determinada poderiam manifestar atitudes distintas no que concerne à procriação, em comparação às famílias "estáveis", constituiu o ponto de partida de nossa problemática.

Em Curitiba, a população composta de imigrantes alemães e de seus descendentes de confissão luterana permitiu empreender esta análise. Tratava-se de saber se existiriam diferenças de comportamento entre as famílias *MF* desta população e as famílias *EF*, que apresentavam uma certa mobilidade antes de se tornarem sedentárias. Inicialmente, é necessário sublinhar a especificidade da população estudada, relacionada a um grupo social de cultura "imigrante", alimentada demograficamente pela continuidade de um fluxo migratório durante todo o período estudado (1866-1939).

Pela análise da origem dos cônjuges verificamos que, tanto para as famílias *MF* como para as famílias *EF*, durante todo o período estudado, o número de pessoas nascidas no estrangeiro, ou pelo menos fora de Curitiba, sempre foi elevado. Evidentemente, esta proporção foi sempre mais significativa entre as famílias *EF*, e este fato permite-nos grifar o que até aqui ficou implícito. Ao formular o problema das eventuais diferenças entre as duas categorias de família, Henry sem dúvida fundamentava-se empiricamente em populações européias; aqui, pelo contrário, tratamos de efetivos instalados em territórios bem mais vastos, onde as migrações de um local ou de uma paróquia a outra implicavam geralmente longas distâncias. Além disto, verificamos uma outra especificidade: além de "emigrarem" de diversas regiões do Brasil me-

ridional, emigravam seguidamente do outro lado do Atlântico.

Enfim, porque haviam começado seus ciclos matrimoniais em outros lugares, que poderiam ser até muito distantes, as mulheres das famílias "móveis" também foram identificadas por serem em média mais velhas do que as casadas na paróquia, no início das suas histórias conjugais em Curitiba. É interessante observar que esta tendência é geral, válida para todas as coortes estudadas, mesmo para o segundo subgrupo que, por hipótese, teria sido formado por indivíduos que se escolheram em função das ofertas de um mercado matrimonial regional equilibrado.

O fato, finalmente, de a análise ter permitido colocar em evidência uma possível fecundidade mais intensa das famílias instáveis, denominadas *EF*, incita-nos a formular novas questões. Se isto realmente for verdade, como se explicaria esta maior vitalidade das mulheres *EF*? Por que as famílias instáveis tenderiam a ter mais filhos do que as famílias sedentárias? Seria, talvez, porque, forçadas a interromper a sucessão normal de gestações por causa das migrações, estas famílias, ao se estabelecerem novamente, retomaram com mais vigor seus ciclos fecundos, como uma espécie de compensação pela instabilidade anterior? Seria este revigoramento fundamentado nas esperanças e angústias relacionadas à nova vida que teriam de empreender no país de adoção? Ou, numa outra perspectiva, teria este fato a ver com uma provável seleção natural resultante do processo migratório? É necessário lembrar que, se a miséria expulsou o camponês do campo, ou o artesão da cidade; se a revolução abortada e alguns ideais políticos motivaram emigrações, tais fatores de migrações não alcançaram toda a sociedade emissora.

Para terminar, falta-nos responder ainda à questão maior: até que ponto um exercício como este aqui realizado permite tirar conclusões a respeito de compor-

tamentos demográficos diferenciais entre parcelas estáveis e migrantes de uma população? Creemos que a hipótese de as migrações interferirem no comportamento demográfico aqui ficou reforçada concretamente, o que significa que não é possível simplesmente extrapolar para o conjunto de toda a sociedade o comportamento demográfico das famílias mais estáveis, do tipo MF.

Concluimos retomando Dupâquier, referenciado no início deste artigo:

"É a invenção da técnica denominada 'reconstituição de famílias' que fez da Demografia Histórica uma disciplina completa, distinta da tradicional História das Populações. Tudo, ou quase, estava embrionário no pequeno livro azul de M. Fleury e L. Henry e na monografia modelo de Crulai (8). No plano metodológico, a maioria dos progressos posteriores consistiu em afinar o controle e a correção dos dados. A automatização das operações, pesquisada com mais ou menos

sucesso em Montreal, Paris e outros centros, nada trouxe no plano conceitual: somente obrigou a formalização a ir até seus extremos limites. Tudo o que se pode esperar do ponto de vista da inovação científica é que, permitindo o tratamento de grandes arquivos de dados, a automatização autorizará a colocação de novas questões e, portanto, alargar a problemática. Quanto ao próprio método da reconstituição de famílias, terá de ser objeto de uma séria cura de rejuvenescimento." (Dupâquier, 1984:165; tradução minha).

E o autor vai por aí afora, sugerindo, nas suas conclusões, o aproveitamento de todas as virtualidades da metodologia. As questões que nós colocamos ao elaborarmos este ensaio metodológico têm a mesma direção. Não se trata, de modo nenhum, de abandonar a metodologia, mas sim de desenvolvê-la, conscientes que estamos de suas potencialidades e limitações.

Referências bibliográficas

BIDEAU, Alain. *La Chatellenie de Thoissey-en-Dombes, 1650-1840; étude d'histoire démographique*. Tese de doutorado, Lyon, Centre Pierre Léon, Université Lyon 2, 1980.

BIDEAU, Alain e NADALIN, Sergio Odilon. "Étude de la fécondité d'une communauté évangélique luthérienne à Curitiba (Brésil) de 1866 à 1939". *Population*, Paris, INED, vol. 43, n. 6, 1988, pp. 1.035-64.

_____. "Histórias de vida e análise demográfica da fecundidade; abordagens complementares para uma história de comportamento social". In: NADALIN, S.O.; MAR-

CÍLIO, M.L. e BALHANA, A. P. (orgs.), *História e população - estudos sobre a América Latina*, São Paulo, Fundação SEADE, 1990, pp. 131-41.

_____. "Familles stables et familles mobiles. Une nouvelle approche de la fécondité différentielle. L'exemple de la Communauté Évangélique Luthérienne de Curitiba entre 1866 et 1939". *Anais do Congresso El Poblamiento de las Americas*, México, IUSSP, vol. 2, 1992, pp.163-75.

DUPÂQUIER, Jacques. *Pour la démographie historique*. Paris, PUF, 1984.

(8) O autor refere-se ao manual que hoje está na sua terceira edição (Fleury e Henry, 1965), bem como à monografia que apresentou os resultados dos estudos sobre a paróquia normanda de Crulai (Gautier e Henry, 1958), elaborada segundo a metodologia proposta pelo referido manual.

- FLEURY, Michel e HENRY, Louis. *Nouveau manuel de dépouillement et d'exploitation de l'état civil ancien*. 1a. ed., Paris, INED, 1965.
- GAUTIER, Etienne e HENRY, Louis. *La population de Crulai, paroisse normande; étude historique*. Paris, PUF, 1958.
- HENRY, Louis. *Manuel de démographie historique*. Genebra/Paris, Droz, 1970.
- _____. *Técnicas de análise em demografia histórica*. Curitiba, UFPr, 1977.
- NADALIN, Sergio Odilon. *Une paroisse d'origine germanique au Brésil: la communauté évangélique luthérienne à Curitiba entre 1866 et 1939*. Tese de doutorado, Paris, EHESS, 1978.
- _____. "Imigrantes alemães e descendentes em Curitiba; caracterização de um grupo social". *História: Questões & Debates*, Curitiba, Associação Paranaense de História (APAH), 2(2), 1981a, pp.23-35.
- _____. "Os alemães no Paraná e a Comunidade Evangélica Luterana de Curitiba". *Estudos Brasileiros*, Curitiba, UFPr, 7(12), 1981b, pp.5-36.
- _____. "A colonização alemã e os luteranos em Curitiba". In: *1 Ciclo do Pensamento Curitibaano*, 1, Curitiba, Fundação Cultural de Curitiba, 1984, pp.47-53.
- _____. "Uma comunidade de origem germânica em Curitiba: demografia e sociedade". *História: Questões & Debates*, Curitiba, Associação Paranaense de História, 8(14/15), 1987, pp.137-46.
- _____. *A demografia numa perspectiva histórica*. Belo Horizonte, ABEP, 1994.

RESUMO – Um ensaio sobre o tema da fecundidade diferencial: famílias estáveis e famílias (I)migrantes. O artigo pretende trazer elementos para a discussão da metodologia da reconstrução de famílias, principalmente no que concerne à representatividade dos casais e filhos recuperados a partir da metodologia proposta por Henry para o estudo da fecundidade no passado. A discussão está centrada na possibilidade de um comportamento diferenciado das famílias denominadas EF, em princípio menos estáveis do que as famílias da categoria MF. Para possibilitar a comparação, estas últimas famílias foram tratadas como se fossem EF, ou seja, foram observadas a partir do primeiro filho nascido na paróquia em estudo.

ABSTRACT – An essay about the differential fertility: stable families and (I)migrant families. The article intends to bring some elements concerning, mainly, the representativeness of the couples and their children who were recuperated by the methodology proposed by Henry for the study of the fertility in the past. The discussion is centered in the possibility of a different behaviour of the so-called EF families, in principle less stable than the families in the category MF. To make possible the comparison, these latest families were treated as being EF category, in other words, they were observed from the first born son in the parish in study.

(Recebido para publicação em agosto de 1995)